

O nascimento do Eu desempoderado¹

Marion Minerbo²

Resumo: A autora estuda o nascimento do Eu desempoderado em quatro etapas. Na primeira, apresenta o material clínico que será o eixo condutor da discussão, detendo-se na dinâmica intrapsíquica. Em seguida, dá voz à criança que a paciente pode ter sido para que descreva, em primeira pessoa, o modo de presença de seu objeto no vínculo precoce, numa abordagem intersubjetiva. Na terceira parte, mostra como esse modo de presença dificultou a conquista da separação sujeito-objeto e o desenvolvimento de sua autonomia, de seu empoderamento. E, por fim, aborda o trabalho clínico com pacientes que apresentam esse tipo de sofrimento: as principais características do campo transferencial-contratransferencial e algumas pinceladas sobre a estratégia terapêutica.

Palavras-chave: Campo transferencial-contratransferencial. Construções em análise. Separação sujeito-objeto. Sobrevivência do objeto. Sofrimento narcísico-identitário.

Antes de abordar propriamente o nascimento do Eu desempoderado, faz-se importante um breve comentário sobre a clínica das depressões.

Quando recebemos um paciente deprimido, vem-nos à mente, logo de início, um quadro mais ou menos típico de infelicidade, desânimo e falta de prazer com a vida. Utilizo-me do termo infelicidade – e não tristeza – intencionalmente, por dois motivos. Em primeiro lugar, porque infelicidade é um termo mais amplo e comporta nuances que são, precisamente, o ponto de partida do meu argumento. Segundo, porque há depressões *sem tristeza*, mas que apresentam um tipo específico de infelicidade. Muitas vezes esse afeto é infiltrado pelo rebaixamento da autoestima e pela certeza de ser indigno do amor do outro. O

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada em 6 de novembro de 2021, no evento O nascimento do Eu, organizado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Agradeço a Isabel Botter pela revisão e edição do texto original.

² Psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

que melhor caracteriza o *estado depressivo*, no entanto, é a falta de esperança e a vivência de futuro bloqueado, de que não há luz no fim do túnel, e de que nada adianta nada (Bleichmar, 1983).

Tanto do ponto de vista clínico como teórico, tenho trabalhado com uma diferenciação entre três tipos de estados depressivos (Minerbo, 2019a; Minerbo, 2020): 1) uma depressão sem tristeza, em que a experiência subjetiva é de vazio, tédio e falta de sentido na vida; 2) uma depressão melancólica, em que a experiência subjetiva é de falta de esperança de vir a merecer o amor do objeto e 3) uma depressão com tristeza, em que a experiência subjetiva é a de desempoderamento generalizado. Pretendo, no presente artigo, abordar esta última, com ênfase no processo constitutivo do que estou chamando de *Eu desempoderado*.

O desempoderamento generalizado refere-se à experiência subjetiva do Eu desempoderado, e podemos descrevê-lo da seguinte forma: o sujeito se sente *incapaz de dar conta da própria vida*; percebe-se muito *dependente de – e submetido a* – um objeto que funciona como “muro de arrimo”, necessário para o eu não desmoronar; não tem *autonomia* psíquica suficiente para bancar seu desejo, para sustentar um projeto ou afirmar uma opinião. As vivências de infelicidade e de futuro bloqueado têm a ver com se sentir assujeitado ao outro, e com *não conseguir ser sujeito* da própria vida.

Para entender como nasce o Eu desempoderado, o presente trabalho se desenvolverá em quatro etapas:

Na primeira, apresentarei as três entrevistas iniciais de uma paciente, Manuela, com o objetivo de mostrar em maiores detalhes a clínica e o funcionamento psíquico dessa forma de depressão com tristeza – será a abordagem da dinâmica intrapsíquica.

Em seguida darei voz a Manu, a criança que Manuela pode ter sido. Pretendo propor uma “ficção com base em fatos reais” para descrever o *modo de presença* de seu objeto no vínculo precoce – será a abordagem da dinâmica intersubjetiva.

Na terceira etapa, mostrarei como esse modo de presença dificultou, no caso de Manuela/Manu, a conquista da separação sujeito-objeto e o desenvolvimento de sua autonomia e empoderamento. Explicarei, em termos teóricos, como se configura a relação entre o sujeito em constituição e seu objeto primário da qual nasce, propriamente, um Eu desempoderado.

E, por fim, na quarta e última parte, abordarei o trabalho clínico com pacientes que apresentam esse tipo de sofrimento: as principais características do campo transferencial-contratransferencial e seu manejo. Em suma, uma pincelada sobre como conduzir a análise desses pacientes.

Parte I – Clínica e metapsicologia

Manuela não é minha paciente. Fiz um recorte de um caso publicado no livro *15 cas cliniques en psychopathologie de l'adulte*, de N. Dumet e J. Ménéchal (2005). No caso clínico original, ela aparece como Emanuelle e aqui a estou chamando Manuela.

Ela tem 25 anos, vive com os pais e faz um doutorado em biologia. Chega em sua primeira entrevista de análise às vésperas das férias da universidade. Conta que é muito tímida – ela mesma acha que é uma timidez doentia. Quando está com mais de três pessoas, não consegue se colocar. As ideias somem, de repente não tem nada para dizer. Faz um esforço enorme para participar, para marcar sua presença. Mas quando fala, tem medo de ser considerada inadequada.

(Enquanto Manuela fala, a analista registra seu jeito tímido e reservado. Fala em voz baixa, aos pouquinhos, o mínimo possível. Dá para ver que ela está se esforçando para parecer que está tudo bem. A linguagem corporal é meio infantil; ela se veste de um jeito bem básico, e dá a impressão de querer passar despercebida. Frente à fragilidade evidente, a analista se sente convocada a ocupar uma posição materna, receptiva e empática).

Depois do vestibular ficou tão estressada que descompensou e foi parar numa clínica. Fez uma terapia quando teve alta.

Atualmente faz doutorado, mas não está feliz. Queria um trabalho *de verdade*, mas não sabe qual. Não sabe o que fazer de sua vida, sente-se um fracasso. *Fala tudo isso segurando o choro.*

Manuela conta um pouco de sua história. É a filha mais velha e sua irmã, cinco anos mais nova, é bem sociável, muito espontânea. Sua família é “ok”, não tem brigas, mas também não tem muita conversa. Não pensa em sair de casa porque não se imagina vivendo sozinha, tem medo da solidão.

Apesar de ser tão tímida, manteve as amigas da escola, e é convidada para as festas. Fica feliz por ser lembrada, mas também tensa, porque se acha desinteressante e sem assunto. Não consegue se lembrar dos livros que lê, nem comentar um filme a que tenha assistido. Muitas vezes prefere viajar sozinha, fazendo passeios pela natureza. Gosta de aventuras arriscadas e viaja com o mínimo necessário. Chegou a pensar em passar um tempo num mosteiro no Tibet.

Na segunda entrevista, está mais sorridente, menos tensa, fala um pouco mais. Conta que seu pai tem um laboratório de química e sua mãe é enfermeira.

A mãe de Manuela – que chamarei aqui de Ana – teve uma história difícil que compartilhou várias vezes com a filha. Quando nasceu sua irmã mais nova, Ana foi mandada para a casa de sua avó e só via sua mãe aos domingos. Por isso, para curtir Manuela, Ana resolveu trabalhar só meio período e não quis

engravidar novamente até que a filha completasse cinco anos. Quando então Ana engravidou, Manuela, com cinco anos, foi mandada para a escola, mas não se adaptou. Chorava desesperadamente. Acabaram desistindo. E então ela passava os dias na casa da avó – a mãe do pai – que era muito brava.

Quando a analista pergunta sobre sua vida amorosa, Manuela fica perturbada e diz que nunca ficou, nem namorou ninguém. Diz que até agora conseguiu escapar “disso”, mas sabe que algum dia vai ter que encarar. Não fica à vontade nos grupos em que há rapazes.

Antes da terceira entrevista, Manuela ligou cancelando o horário, mas pedindo uma reposição. Quando vem, não comenta nada sobre isso. Senta-se, olha para a analista e desaba. Diz que saiu mal da consulta anterior, porque foi forçada a falar sobre um assunto difícil que é sua vida amorosa. Soluçando, diz que sua vida não tem jeito, se sente um fracasso, fala em infelicidade e suicídio. Diz que está desesperada, tem medo do vazio das férias. Vai perder o contato com as amigas da universidade. Cada uma vai para um canto e ninguém vai se lembrar dela. Não tem coragem de telefonar para as amigas, pois não tem nada a dizer.

Já que não fará nada no início das férias, vai trabalhar na empresa do pai, como no ano anterior. Não acha o trabalho interessante, mas pelo menos é um ambiente conhecido e acolhedor; conhece os funcionários do pai desde criança e perto deles se sente bem. Depois, vai viajar com os pais. Sua irmã mais nova, por sua vez, vai fazer um curso de ginástica e depois viajar com os amigos. Manuela odeia ginástica, tem horror que vejam seu corpo fazendo esforço. Sente-se muito exposta, não gosta que olhem para ela.

Aliás, tem muita dificuldade para se vestir. Começa a chorar. Não consegue comprar nada, usa sempre as mesmas roupas. Até gosta de coisas na loja, mas odeia sua imagem no espelho do provador, parece que não é ela. Acaba sempre vestindo um uniforme triste, sem graça, sem cores.

Certo dia, quis comprar uma roupa para um casamento. Pediu a opinião da mãe, que disse para ela comprar algo colorido. Pediu ajuda para a irmã, que foi com ela em várias lojas. Mas Manuela não conseguiu comprar nada. A analista lhe propõe um novo encontro. Fica espantada, pois achava que ela sairia de férias e teriam que interromper.

O que essas três primeiras entrevistas nos contam sobre o funcionamento psíquico de Manuela? Em que terreno se situam suas dificuldades? Aparentemente, podemos pensar que não há nada de muito errado com ela. Vem de uma família mais ou menos organizada, parece estar razoavelmente bem adaptada, faz doutorado, tem amigas... Enfim, uma história de vida comum. Mas a contratransferência indica uma pessoa desvitalizada, apagada, assustada e triste.

Se aprofundarmos a pesquisa sobre a experiência subjetiva de Manuela, perceberemos o que estou chamando de Eu desempoderado: tem pouca iniciativa, não consegue construir uma vida própria. Não se sente capaz de dar conta da vida. Não se sente potente para afirmar nada enquanto sujeito. Não tem uma opinião sobre um filme, não consegue comprar uma roupa sozinha, não pode ligar para uma amiga porque não tem assunto, não tem um projeto próprio para as férias.

Nas duas primeiras conversas com a analista, conseguiu se segurar, esconder seu desespero e manter as aparências. Mas na terceira desabou, e a escuridão do sofrimento narcísico-identitário (Roussillon, 1999) apareceu sem filtros. Falou em fracasso, infelicidade, suicídio. Sente que sua vida não tem jeito. A fragilidade narcísica, é verdade, já havia se anunciado com a internação depois do estresse do vestibular; agora a analista a constatava na contratransferência e no próprio discurso de quem não vê luz no fim do túnel.

Para ter ideia do terreno em que se situam as dificuldades de um paciente, o analista se pergunta: qual é a angústia? Vejamos, pois, o que aparece nesse material clínico.

Manuela procura ajuda porque as férias estão chegando. O que significam férias para ela? Nada parecido com relaxar numa praia, ou se divertir com amigos. Ela fala “no vazio das férias”, mas vazio de quê?

O “vazio das férias” significa *perder o enquadre dado pela universidade*. Graças a esse enquadre, ela acorda, tem para onde ir e sabe o que fazer com ela mesma. O enquadre também garante a presença das amigas. Sem a universidade não sobra nada. Sua vida desmorona.

A angústia de Manuela é a de perder o objeto que funciona, para ela, como muro de arrimo – muro que dá alguma sustentação ao seu *frágil equilíbrio narcísico*. A criança nela – que deve ter em torno de dois anos – vê seu mundo desmoronar sem a presença concreta da mãe/do objeto. É a *angústia de separação*. Temos notícias dessa angústia aparecendo já aos cinco anos de idade, quando não se adaptou na escola por não conseguir se separar da mãe.

Manuela fica apavorada com a perspectiva de perder o objeto porque sente que, sem ele, não dá conta da vida. Gasta uma energia enorme para tentar ser funcional, apesar da angústia avassaladora. No seu entorno, ninguém se dá conta desse sofrimento porque ela faz um grande esforço para parecer que está tudo bem. O laço de dependência em relação ao objeto faz com que se torne excessivamente submissa a ele.

Vive atormentada com o que vão pensar dela. Se deu uma opinião, tem medo de ter falado uma besteira. Se não deu, tem medo de parecer desinteressante. O nó fundamental do sofrimento de Manuela não é tanto o medo de perder

o amor do objeto, mas sim o medo de perder o objeto necessário para realizar funções psíquicas das quais ela não dá conta. Daí o termo a que me refiro a este objeto: *muro de arrimo*.

Para evitar todas essas tensões, prefere viajar sozinha ou até passar um tempo em um retiro no Tibet. Os únicos momentos em que parece se sentir minimamente empoderada são quando se arrisca em aventuras perigosas na natureza, das quais parece sentir certo orgulho.

O material clínico mostra também questões mais arcaicas. Odeia ginástica desde pequena, não gosta de expor o próprio corpo, não consegue se olhar no espelho, nem comprar roupas. Manuela não é nem feminina nem masculina. É neutra, como as roupas que usa. Por tudo isso não consegue se imaginar transando, vai escapando enquanto pode.

O sentimento de fracasso é *secundário* às limitações de uma vida constantemente ameaçada pela perda do objeto-muro de arrimo. Pessoas tão desempoderadas podem não conseguir funcionar na vida, e se tornarem realmente desinteressantes.

A angústia de separação, por sua vez, é *consequência da dependência absoluta* em relação ao objeto. Como a separação sujeito-objeto não se completou, ela continua dependendo da presença concreta do objeto para se manter de pé. E de onde vem tamanha dependência em relação ao objeto?

Agora começaremos a abordar mais diretamente o nascimento do Eu desempoderado. Uma dependência tão grande em relação ao objeto indica que Manuela não encontrou, no vínculo intersubjetivo, as condições necessárias para que pudesse constituir um eu autônomo e potente. Adiante, na segunda parte deste texto, trataremos sobre o modo de presença do objeto que não facilitou a separação sujeito-objeto.

Por enquanto, é possível constatar que o desempoderamento de Manuela é *generalizado*. Naturalmente, é uma brincadeira com a expressão *Sedução Generalizada*, de Laplanche. Mas o desempoderamento é generalizado mesmo, pois ela sente que não dá conta da vida em vários níveis.

- 1) Não se sente capaz de ter autonomia para construir uma vida própria.
- 2) Não se imagina vivendo fora da casa dos pais.
- 3) Nas férias vai trabalhar na empresa do pai porque é um ambiente conhecido e protegido.
- 4) Suas relações são vividas como assimétricas: os outros são os grandes – os que dão conta da própria vida – enquanto ela é pequena, o que combina com a linguagem corporal infantilizada.
- 5) Embora esteja fazendo um doutorado, não sente que é um trabalho, nem sabe o que quer fazer da vida. Consegue se ver como estudante, mas não como uma profissional capaz de produzir e ter autonomia financeira.

Enfim, com tamanho desempoderamento, Manuela não consegue fazer planos para o futuro e toda a sua energia é despendida para ir sobrevivendo um dia atrás do outro.

Até aqui, vimos a clínica e a metapsicologia num vértice mais *intrapsíquico*. Na sequência, passo a uma abordagem *intersubjetiva*.

Parte II – O modo de presença do objeto no vínculo precoce: aspectos intersubjetivos

Nesta parte, irei propor um exercício de imaginação clínica. Criarei uma “ficção com base em fatos reais” para tornar mais vivo o campo intersubjetivo no qual nasce o Eu desempoderado. A partir do material clínico de que dispomos até então, tentarei imaginar qual pode ter sido o modo de presença do objeto junto ao qual Manuela precisou se constituir (Roussillon, 2010).

Meu nome é Manu e tenho cinco anos. Minha mãe ficou muito feliz quando nasci. Tirou um ano de licença maternidade para me amamentar e, quando voltou a trabalhar, ia só de manhã. O resto do tempo era meu.

Ela curtia muito ficar comigo. Adorava me dar banho, trocar minhas fraldas, brincar, me levar para passear, cozinhar para mim, ler, cantar. Não posso negar que era uma delícia. Mesmo assim, eu sentia falta de ter um tempo para brincar sozinha, ficar sossegada sem tanto estímulo. Conforme fui crescendo, quis começar a comer e a me vestir sozinha. Deve ser uma sensação maravilhosa ser capaz de fazer algumas coisas por conta própria – sempre tendo ela por perto, é claro. Mas ela não deixava. Dizia que eu não sabia escolher as roupas adequadas para a temperatura do dia. E que se eu comesse sozinha faria muita sujeira e não comeria o suficiente. Eu tinha muita curiosidade e vontade de explorar o mundo. Esperava que ela vibrasse a cada conquista minha, mas isso não acontecia.

Na verdade, mamãe tinha uma reação estranha aos meus movimentos de autonomia. Comecei a sentir que ela não gostava – ou melhor, que se sentia ameaçada por eles. Ao invés de ficar orgulhosa das minhas conquistas, parecia que ela tinha medo de que, se eu não precisasse mais dela, eu iria esquecê-la, ou abandoná-la.

Vou dar um exemplo de hoje. No parquinho, eu quis subir no trepa-trepa sozinha e mostrar para ela o que eu conseguia fazer. Ela podia ficar sentada conversando com as outras mães, mas parece que não se sente à vontade com elas. Grudou em mim, dizendo que tem medo de que alguma coisa me aconteça. Só que tenho a impressão de que tem medo de que alguma coisa aconteça a ela, caso eu me afaste. De um jeito estranho, parece que se sente insegura, ou ameaçada, com cada coisa que consigo fazer sem ela.

Outro exemplo. Um dia fui passear só com papai. Para minha surpresa, quando voltei, ela estava ofendida e magoada. Me recebeu com uma pergunta: “Manu, você não gosta mais da mamãe?” Achei a pergunta bizarra. Não entendi nada.

Parecia que as coisas estavam invertidas: como assim, mamãe com medo de perder o meu amor? Parecia que eu era a mãe, e ela a filha! (Minerbo, 2016). Será que está me confundindo com a mãe dela? Sei que não se dá bem com a vovó. Já ouvi mamãe se queixando por ter recebido apenas migalhas de amor, enquanto a maior parte ia para sua irmã. Às vezes, parece que continua com fome de amor, e me usa para compensar as tais migalhas.

É isso! Me sinto usada! Ela cuida tanto de mim porque isso faz ela se sentir empoderada e amada! Me dá um frio na barriga cada vez que percebo que, sem mim, fica perdida. E também quando percebo que está cobrando meu amor.

Quando me dei conta, nós duas tínhamos assinado um contrato. Do lado dela, comprometeu-se a me amar acima de tudo, e a viver só para mim. Do meu lado, me comprometi a fazê-la se sentir importante e necessária para sempre.

Parecia uma situação em que ambas ganhávamos (Aulagnier, 1975). Mas logo apareceram as desvantagens. Cada uma se tornou indispensável para a outra. É isso – ser indispensável – já não tem mais nada a ver com amor. É uma prisão, porque nenhuma das duas tem o direito de viver a própria vida. O pior de tudo é que, para cumprir a minha parte, tenho que continuar sendo pequena para sempre, dependendo dela para tudo. Nasci com várias competências, mas como nunca as pude desenvolver, estão atrofiando. Me sinto cada vez mais insegura e desempoderada. Tenho cada vez mais medo de não dar conta da vida sem ela.

E tem a multa! Sim, descobri que, se tentar romper o contrato, conquistar alguma autonomia, minha mãe fica brava comigo. Escuta só como eu descobri que ter autonomia dava multa. Outro dia minha amiguinha me convidou para dormir na casa dela. Mamãe se opôs, disse que eu podia acordar de noite e precisar dela. Novamente, aquela sensação estranha de que era ela que podia acordar e se sentir sozinha. Eu queria muito ir, mas tinha medo. Com o restinho de coragem que eu ainda tinha, bati o pé e fui.

Quando ela foi me buscar, vi que estava ofendida e magoada. Até pedi desculpas, pois parecia que eu tinha feito alguma coisa errada. Ela ainda tentou disfarçar e perguntou se eu tinha me divertido. Mas dava para perceber que tinha se sentido rejeitada e estava com raiva de mim. Resumo da ópera: todas as vezes em que tento ter alguma autonomia, ou ela fica triste, ou com raiva. Se ela fica triste, eu me sinto culpada, como se estivesse abandonando-a. E se ela fica com raiva, eu fico com medo de ela me abandonar.

Você percebe qual é a multa por romper o contrato e tentar ter vida própria? Sai muito caro – é muito pesado carregar tanta culpa e tanto medo. E acho que foi por

causa dessa multa que parei de tentar ter vida própria. Só que aí sinto raiva por estar presa nessa função de cuidar dela. O pior é que, como não desenvolvi as competências para dar conta de mim, fico apavorada de enfrentar a vida. Não sei como sair desse impasse.

Quando ela ficou grávida, fiquei com raiva porque me traiu. Agora que tinha um novo bebê, ela ia gostar só dele e se esquecer de mim. Para eu não ficar com ciúmes, ou para facilitar a vida dela, tiveram a brilhante ideia de me mandar para a escola. Mas é óbvio que eu não ia ficar lá de jeito nenhum. Até porque tinha medo de ficar longe dela.

Sim, virei uma menina medrosa e insegura. Fui murchando. Hoje sou uma menina triste, quieta, apagada. Sou obediente, não consigo dizer não. Faço tudo o que me pedem. Não reclamo de nada. Mas não consigo nem saber o que eu quero. Outro dia, na sorveteria, não conseguia nem escolher o sabor do sorvete. E se eu escolhesse errado? Achei melhor perguntar para a mamãe. Ela sempre sabe o que é melhor para mim.

Quem me conhece, vê uma menina boazinha, mas muito, muito tímida. Fora isso, parece que está tudo bem. Ninguém imagina como me sinto dependente dos outros. Nem que me sinto tão sozinha. O que eu mais queria era não ter tanto medo da vida.

Parte III: O nascimento do Eu desempoderado no vínculo intersubjetivo

Na parte II, propus um exercício de imaginação clínica para reconstruir o que pode ter sido o modo de presença do objeto no vínculo primário (ou vínculo precoce). Quando comentei que seria uma “ficção baseada em fatos reais” é porque, embora não dê para saber exatamente o que aconteceu, alguma coisa na linha do que descrevi deve ter acontecido (Freud, 1937/1996; Roussillon, 1999).

Nesta terceira parte, mostrarei a relação entre esse modo de presença e o nascimento do Eu desempoderado. Manu trouxe elementos que indicam um vínculo inicial bom e prazeroso com a mãe. As duas se entenderam bem, e ela sente que a mãe é disponível, dedicada e amorosa. Aos poucos, contudo, vão surgindo os aspectos que podemos chamar de “sombra do objeto”, que vai cair sobre o eu, dificultando seus movimentos de separação e de autonomia. Há uma colonização do espaço psíquico por elementos que pertencem ao inconsciente da mãe.

A mãe está sempre tão presente e tão disponível que Manu sente falta de tempo e espaço para brincar sozinha. Passado o tempo da preocupação materna primária (Winnicott, 1956/2000c), a necessária dialética presença - ausência parece ter falhado, possivelmente pelas necessidades narcísicas da mãe. Pois é o caso de perguntarmos: a serviço *de quem* está tamanha dedicação? De Manu ou da mãe?

Como sabemos, os pequenos intervalos de ausência da mãe são preciosos para a constituição do autoerotismo; e o prazer de brincar com o próprio corpo vai preparando o terreno para o prazer de estar só na presença do objeto (Winnicott, 1958/1998). Além disso, o tempo livre, sem estímulos e sem demandas, também é fundamental para que o bebê possa *processar* os mil estímulos que o afetam o tempo todo – inclusive os que vêm da própria mãe.

As duas funções, o autoerotismo e a possibilidade de digerir os estímulos, são pré-condições para que, aos poucos, Manu consiga ir aguentando intervalos cada vez maiores sem a presença da mãe. Fica claro, portanto, como o *excesso de presença* priva a filha de desenvolver recursos necessários para sua progressiva autonomia.

Diante desse contexto relacional, cabe questionarmos também por que motivo uma mãe – *qualquer mãe*, e não apenas a de Manu – teria dificuldade em conceder à criança um tempo de respiro sem ela. Na minha hipótese, isso se deve à dependência da mãe em relação à criança (Minerbo, 2020).

Essa ideia pode parecer estranha, já que estamos acostumados a pensar na dependência da criança em relação a seu objeto. Porém, em função de sua própria fragilidade narcísica, pode acontecer de a criança-na-mãe fazer uma transferência com o bebê/infans, colocando-o no lugar da própria mãe.

A criança-na-mãe estaria, então, investindo o bebê como objeto muro de arrimo. Entende-se, assim, que ela fique dependente da presença concreta do bebê para não desmoronar. Ou seja: a criança-na-mãe não conseguiu se separar da própria mãe e agora busca, no/a filho/a, a figura materna sem a qual não é capaz de se sentir minimamente segura. A resultante dessa dinâmica é que a mãe não consegue sustentar de modo suficiente a delicada dialética presença-ausência, para que o/a filho/a possa se separar dela.

Voltemos brevemente à nossa ficção, e ao que nos diz Manu. Segundo ela, a mãe não se afasta dela no parquinho com medo de que se machuque, mas Manu tem a sensação de que a mãe tem medo de que alguma coisa *aconteça a ela (mãe)*. De um jeito estranho, parece que se sente ameaçada por cada coisa que a filha passa a realizar sozinha: desde comer e se vestir, até brincar no trepa-trepa ou dormir na casa de um amiguinho.

Quando Manu voltou de um passeio com seu pai, a mãe perguntou: “Você não gosta mais da mamãe?” Achou a pergunta bizarra e não entendeu nada. Em suas palavras:

“Parecia que as coisas estavam invertidas; parecia que eu era a mãe, e ela era a filha; parecia que era ela que precisava de mim. Acho que me usava para compensar o que não tinha dado certo na relação com vovó”. Manu sente a sombra do objeto caindo e colonizando seu eu.

Essa linha de pensamento tem seus desdobramentos. Como sabemos, Winnicott (1947/2000a, 1950/2000b) mostrou que a separação sujeito-objeto depende da capacidade da mãe de sobreviver aos movimentos agressivos da criança. Quando a criança quer se vestir sozinha ou dormir na casa de um amigo, de certa forma ela está dizendo à mãe: “Agora não preciso de você”. Isso pode ser vivido como uma “*microagressão*”. Se a mãe fica magoada e ofendida, é porque não conseguiu sobreviver.

Proponho agora dar um passo a mais com relação ao conhecido tema da sobrevivência do objeto, a partir da seguinte questão: *afinal, por que esta mãe – ou qualquer mãe – não sobrevive a esses micromovimentos de autonomia?*

Vejo dois motivos interligados. Em função de sua fragilidade narcísica, ela interpreta esses movimentos como agressões contra ela, ofende-se e hostiliza a criança. A criança fica com medo e, hostilizada, aborta seus movimentos de autonomia. Em segundo lugar, devido à mesma fragilidade narcísica, a mãe vive a autonomia da criança como abandono e desamor, e então fica magoada. A criança fica culpada, o que também a faz suprimir as tentativas de autonomia.

A criança depende da mãe, e a mãe depende da criança. Operam como duas cartas de baralho que só ficam de pé se uma estiver apoiada sobre a outra. Configura-se, então, uma situação de codependência no vínculo precoce.

Neste ponto, é necessário acrescentarmos uma observação importante: junto com a angústia de separação, bastante clara até aqui, há a angústia de intrusão (Green, 1977/1996): o sujeito gasta muita energia para tentar se livrar do objeto que vampiriza sua existência, que não lhe dá o direito de ter vida própria – de ser e de existir como sujeito autônomo no mundo. É nesse tipo de vínculo que se constituem as identificações que mantêm o sujeito preso a uma posição subjetiva de desempoderamento generalizado.

Parte IV: o trabalho clínico com a depressão por desempoderamento generalizado

Para pensar a clínica desses pacientes deprimidos, mergulhados na experiência do desempoderamento generalizado, vamos imaginar que recebemos um paciente como Manuela para análise. Que tipos de transferência e de contratransferência podemos esperar? Como manejá-las? Começemos com a análise da contratransferência, já que é ela que nos ajuda a reconhecer a transferência.

O analista se sente gratificado porque o paciente “valoriza” muito a análise. É um bom paciente, trabalha bem, não falta nem atrasa os pagamentos. Aceita a dependência e sofre com as férias. O analista sente que o paciente é fiel e não vai abandoná-lo. Não reclama de nada, não contesta as interpretações; em suma,

é submisso. É com surpresa que ele descobre em que lugar ele foi colocado pela transferência: o paciente sente que precisa ser um bom paciente porque está lá para sustentar o narcisismo do analista. Ele vai às sessões, trabalha bem etc., para que o analista se sinta útil e valorizado. Não pode faltar porque o analista ficaria magoado. É o analista que precisa da presença, do dinheiro e do amor do paciente.

Enfim, o paciente constrói, transferencialmente, um analista cujo narcisismo é frágil e precisa de um muro de arrimo – sustentação que ele, paciente, vai alegremente lhe oferecer. Até, eventualmente, começar a se sentir vampirizado... Em algum momento, o analista percebe também que, num nível mais subterrâneo, a transferência é justamente *o uso* que o paciente está fazendo da análise: *ela está sendo usada como muro de arrimo!* Ou seja, a transferência é justamente a *função* que a análise tem na vida do paciente.

Assim, na superfície, muitos temas são intensamente trabalhados. Mas, em outro nível, a análise foi incorporada como parte da vida do paciente (e do analista!). A simples menção ao possível término da análise é perturbadora, o que denuncia o pressuposto que sustenta esse campo transferencial: “seremos o muro de arrimo, um para o outro, para sempre”.

Ao reconhecer essa configuração transferencial, é importante não interpretar isso como “fantasia” *do paciente*: quanto mais arcaico o terreno psíquico, maior a força de atração para que o analista ocupe a posição identificatória *complementar* a dele – no caso, a posição de desempoderamento generalizado (Minerbo, 2019b). O paciente vai “tentar convencer” o analista de sua fragilidade e impotência. Sessão após sessão, vai *gritar* seu desempoderamento para *convocar* no analista o salvador da pátria. O elemento que vai se sobressair na atenção flutuante não será tanto o conteúdo do discurso – polvilhado de mil diferentes situações de desempoderamento – mas a *amplificação gritante e ostensiva* deste desempoderamento, de modo a manter o analista perpetuamente na posição de muro de arrimo.

Em outros termos, o retorno do clivado no campo transferencial se dá sob forma alucinatória (Roussillon, 1999): o paciente *tem certeza* de que não sobrevive sem o analista, e este também *tem certeza* de que o paciente não sobrevive sem ele. O desempoderamento não é visto como uma posição identificatória a ser lentamente elaborada e desconstruída, mas como uma *realidade “objetiva”* que mantém analista e paciente presos um ao outro. Por isso, é importante não “comprar” essa versão, e muito menos corresponder à convocação transferencial, pois isso só aprofundaria o desempoderamento. Aqui, naturalmente, o tato do analista é fundamental: nem carregar e acolhê-lo no colo para sempre, nem largar/derrubar o paciente no chão de uma hora para outra.

Como intervir? A primeira providência é reconhecer os pressupostos que sustentam esse campo transferencial, e de que maneira o analista pode estar contribuindo, inconscientemente, para manter a repetição sintomática – nesse caso, a relação de codependência. Por exemplo, é importante não usar o “bom paciente” para nos compensar por questões pessoais, ou atendimentos difíceis. Nem recorrer ao horário dele para acomodar outros pacientes, ou atrasar sua sessão para dar um telefonema, contando com sua provável submissão e tolerância. Se ele aceita com facilidade os reajustes de honorários, ou as trocas de horários, o analista deve reconhecer nisso um sintoma e colocá-lo na roda.

Quando o analista não ocupa o lugar designado, o paciente se ressentido e vai, provavelmente, reagir com irritação e hostilidade. Acusará o analista de falta de empatia e de sensibilidade. A temperatura na transferência subirá. O analista vai “acusar o golpe”: seu bom paciente, até então tão dócil, está com raiva. Será preciso reconhecer e legitimar a agressividade, e *sobreviver a ela*, permitindo assim a separação sujeito-objeto. Sobreviver não significa tolerar masoquisticamente a agressão do paciente, mas dar um sentido a ela.

Espero ter conseguido transmitir a ideia de que o Eu desempoderado nasce no seio de uma relação intersubjetiva marcada pela codependência. Em função de sua fragilidade narcísica, a criança-na-mãe usa a criança como muro de arrimo e, com medo de ser abandonada, dificulta ou mesmo impede seus movimentos de empoderamento e autonomia.

The constitution of a disempowered self

Abstract: The author studies the birth of the disempowered self in four stages. In the first, she presents the clinical material that will be the guiding axis of the discussion, focusing on the intrapsychic dynamics. Then, she gives voice to the child that the patient may have been so that she can describe in the first person the mode of presence of her object in the early bond, in an intersubjective approach. In the third part, she shows how this mode of presence made it difficult to achieve the subject-object separation and the development of its autonomy/empowerment. Finally, she approaches the clinical work with patients who present this type of suffering: the main characteristics of the transference-countertransference field and some ideas on the therapeutic strategy.

Keywords: Constructions in analysis. Narcissistic-identitary suffering. Object survival. Subject-object differentiation. Transference-countertransference field.

Referências

- Aulagnier, P. (1975). *La violence de l'interprétation*. Paris: PUF.
- Bleichmar, H. (1983). *Depressão, um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dumet, N., & Ménéchal, J. (2005). *15 cas cliniques en psychopathologie de l'adulte*. Paris: Dunod.
- Freud, S. (1996). Construções em análise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Green, A. (1996). The borderline concept. In *On private madness*. London: Routledge. (Trabalho original publicado em 1977)
- Minerbo, M. (2016). *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher.
- Minerbo, M. (2019a). *Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher.
- Minerbo, M. (2019b). *Transferência e contratransferência*. São Paulo: Blucher.
- Minerbo, M. (2020). Depressão sem tristeza, com tristeza e melancólica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(4), 160-176. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000400013&lng=pt&tlng=pt.
- Roussillon, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris, PUF.
- Roussillon, R. (2010). La dialectique présence-absence: Pour une métapsychologie de la présence. *Tribune Psychanalytique*, 9, 13-39.
- Winnicott, D. W. (1998). A capacidade para estar só. In *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1958)
- Winnicott, D. W. (2000a). O ódio na contratransferência. In *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1947)
- Winnicott, D. W. (2000b). A agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)

Winnicott, D. W. (2000c). A preocupação materna primária. In *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 06/04/2022

Aceito em: 06/04/2022

Marion Minerbo
E-mail: marionminerbo@gmail.com